Outra Travessia, vol. 1, núm. 35, 2023, pp. 120-136.

Mário de Andrade cita Oscar Wilde: homoerotismo e homofobia no debate com Francisco Pati (1922-1923).

Vergara, Jorge.

Cita:

Vergara, Jorge. (2023). *Mário de Andrade cita Oscar Wilde: homoerotismo e homofobia no debate com Francisco Pati (1922-1923). Outra Travessia, 1 (35), 120-136.*

Dirección estable: https://www.aacademica.org/jorge.vergara/8

ARK: https://n2t.net/ark:/13683/pPOY/EsK

Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.
Para ver una copia de esta licencia, visite
https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto*. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: https://www.aacademica.org.*

Mário de Andrade cita Oscar Wilde: Homoerotismo e homofobia no debate com Francisco Pati (1922-1923)

Mário de Andrade quotes Oscar Wilde: Homoeroticism and homophobia in the debate with Francisco Pati (1922-1923)

Jorge Vergara
(Sem vínculo institucional)

https://doi.org/10.5007/2176-8552.2023.e94751

Resumo

Neste informe se analisam dois textos em que Mário de Andrade citou a obra do escritor Oscar Wilde, e o artigo que Francisco Pati publicou na campanha de higiene estética e moral da *Folha da Noite* em 1923. Andrade implicou o homoerotismo no poema "Paisagem N. 3" de *Pauliceia Desvairada* e mencionou algumas frases do livro *De profundis* no seu discurso de paraninfo em 1923. No segundo texto, Andrade não indicou sentidos homoeróticos, ele promoveu o estudo de músicas socialmente estigmatizadas que abordavam temas eróticos. Sem citar a homossexualidade e Mário de Andrade explicitamente, Pati criticou e associou pejorativamente os modernistas paulistas e Andrade à homossexualidade. O debate sobre Wilde permite observar a construção social da homofobia.

Palavras-chave: Homoerotismo;.Homofobia; Oscar Wilde; Francisco Pati; Mário de Andrade.

Abstract

This report analyzes two texts in which Mário de Andrade cited the work of the writer Oscar Wilde, and the article that Francisco Pati published in the *Folha da Noite* aesthetic and moral hygiene campaign in 1923. Andrade implies homoeroticism in the poem "Paisagem N. 3" by *Pauliceia Desvairada* and quotes some phrases from *De profundis* in his graduation speech in 1923. In the second text, Andrade does not imply homoerotic meanings, he promoted the study of socially stigmatized songs that addressed erotic themes. Without explicitly mentioning homosexuality and Mário de Andrade, Pati criticizes and pejoratively associates São Paulo modernists and Andrade with homosexuality. The debate about Wilde allows observing the social construction of homophobia.

Keywords: Homoeroticism; Homophobia; Oscar Wilde; Francisco Pati; Mário de Andrade.

Introdução

Da mesma forma que outros escritores brasileiros da primeira metade do século vinte, Mário de Andrade apreciou a literatura do escritor inglês Oscar Wilde e elaborou sobre isso. Neste artigo se comentam dois textos de Mário de Andrade e a crítica homofóbica que ele recebeu em 1923. Mário de Andrade implicou Wilde no poema "Paisagem N. 3" de *Pauliceia Desvairada* (1922), e elaborou sobre certo verso do autor inglês no seu discurso de paraninfo no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo (1923). No poema é possível decifrar imagens homoeróticas, e no discurso de paraninfo Andrade promoveu o estudo de músicas populares com conteúdo erótico. Francisco Pati publicou artigo para questionar a argumentação de Andrade sem citá-lo pelo nome. Em texto que integrou a campanha antimodernista da *Folha da Noite,* Pati escreveu sobre a homossexualidade de Wilde para questionar e insultar Andrade e o grupo modernista.

Em pesquisa anterior, o autor verificou o preconceito em textos da campanha antimodernista do jornal *A Gazeta* entre 1921 e 1922,[1] na campanha de higiene estética e moral da *Folha da Noite* em 1923, e nas publicações da *Revista de Antropofagia* em 1929 e do jornal *Dom Casmurro* em 1939.[2] A pesquisa na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e no Acervo da *Folha de S. Paulo* é essencial para encontrar o material citado. O nome de Oscar Wilde foi lembrado na recepção homofóbica contra Mário de Andrade em três processos distintos. Primeiro, Pati escreveu sobre o "crime" de Wilde em artigo da campanha da *Folha da Noite;* segundo, consta na expressão "sub-Wilde mestiço"[3] do artigo sem autoria que *Dom*

1 Vergara, Jorge. "Preconceito na campanha antimodernista do jornal A Gazeta de São Paulo (1921-1922)", no prelo.

2 Vergara, Jorge. Toda canção de liberdade vem do cárcere, 2018, p. 49, 69.

3 Dom Casmurro. "A solidão é triste", 1939, p. 2.

Casmurro publicou no processo contra Mário de Andrade; e terceiro, consta na expressão que Oswald de Andrade usou contra Mário de Andrade no *Dicionário de Bolso*: "muito parecido pelas costas com Oscar Wilde".[4] Oswald de Andrade não publicou e depois eliminou essa frase da versão a publicar, mas a redação é coerente com a produção homofóbica da antropofagia.

Oscar Wilde publicou livros e realizou conferências no século dezenove, e sua pessoa e sua obra gozaram de reputação internacional. Em 1895, a justiça inglesa condenou Wilde a dois anos de trabalho forçado pelo crime de sodomia. Ele era casado e tinha filhos. A situação gerou escândalo.[5] Mas, nem Oscar Wilde, nem as suas obras podem ser simplesmente associados à defesa da homossexualidade e do homoerotismo. No Brasil da época há escritores que publicaram elogios ao escritor e a sua obra, e ignoraram a homossexualidade; e há autores que entenderam que o autor e sua obra mereciam respeito, apesar de Wilde ter tido práticas homossexuais. São raros os autores que, ao citar o caso de Wilde escreveram que a homossexualidade é normal, ou que a homossexualidade sofreu repressão.

No poema "Paisagem N. 3", Mário de Andrade implica o homoerotismo de forma elaborada e erudita. Sem leitura atenta, esses versos não são compreensíveis. Não foram encontrados textos em que as críticas homofóbicas a Andrade citem "Paisagem N. 3", pois provavelmente muitos leitores não detectaram os sentidos homoeróticos. No entanto, no caso dos ataques da *Revista de Antropofagia*, os autores citam o poema "Cabo Machado", texto em que Mário de Andrade descreve o jovem mulato, militar e afeminado. Na época, a afeminação era categoria médica associada à homossexualidade, categoria que jornalistas usaram repetidamente por meio de expressões como "moço bonito" e "almofadinha".[6] Este artigo confronta a elaboração

4 Andrade, Oswald. Dicionário de Bolso, 1990, p. 124.

5 Tin, George-Louis. Diccionario Akal de la homofobia, 2012, p. 487-488.

6 Vergara, Jorge. "Los 'mozos bonitos': La expresión que fue referencia para las prácticas de

de Andrade em referência a Oscar Wilde, e o texto antimodernista que cita Wilde com sentidos homofóbicos.

Paisagem N. 3 e o discurso de paraninfo

No poema "Paisagem N. 3" de *Pauliceia Desvairada*, Mário de Andrade citou a obra de Oscar Wilde de modo a implicar o homoerotismo. Há que considerar que os poemas de *Pauliceia* "Tu" e "Nocturno" foram divulgados em jornais por Oswald de Andrade desde maio de 1921. Mário de Andrade só publicou *Pauliceia Desvairada* em fins de 1922. Ainda, entre agosto e setembro de 1921, Mário de Andrade divulgou a série de artigos chamada "Mestres do passado" no *Jornal do Comércio* de São Paulo. Ele ainda recitou trechos de *Pauliceia* em reuniões de escritores em Rio de Janeiro e São Paulo entre 1921 e 1922.[7] Deste modo, quando diversos autores criticaram versos em campanhas antimodernistas, fizeram-no em referência aos dois poemas mencionados ou a série "Mestres do passado". Em pesquisas na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional não foram encontradas outras referências ao poema "Paisagem N. 3" em textos anteriores a 1929. Com exceção dos poemas "Cabo Machado" ou "Carnaval carioca", publicados em 1926 e 1927 respectivamente, não se conhecem textos em que Mário de Andrade torne explícitos sentidos relacionados à afeminação, homoerotismo, homossexualidade e ao travestismo antes de 1926. Entretanto, diversos autores publicaram conteúdo homofóbico contra Mário de Andrade desde 1921: no jornal *A Gazeta* de São Paulo, João da Eça escreveu que Andrade é semelhante aos cantores castrados;[8] Pati associou Wilde, Mário de Andrade e a sodomia; e, José Gallo Netto citou especialistas da homossexualidade

---

género en Brasil". Con X, 2021.

7 Gonçalves, Marcos. 1922: a semana que não terminou, 2012, p. 241-242, 258.

8 Eça, João da. "Futurismo ou zoilismo?". A Gazeta, 1921, p. 2.

para insultar Andrade.[9] Os dois últimos na campanha da *Folha da Noite*.

O poema "Paisagem N. 3" de *Pauliceia Desvairada* de Mário de Andrade requer investigação para decifrar alguns dos seus sentidos. A referência ao livro de Oscar Wilde pode ser interpretada como certa representação do homoerotismo masculino. O poema contém referências eruditas que não são compreensíveis sem pesquisa, por exemplo, a menção ao Rei do Tule. Essa menção aponta a narrativa sobre o rei que não pode ou não quer mais praticar os excessos libertinos da sua juventude, e por isso ele atira ao mar certa taça. A taça simboliza as lembranças libertinas e sua força. A história circulou em textos de literatos do século dezenove e pode ser verificada no livro do escritor português Fialho d'Almeida.[10] O poema é complexo, por isso aqui só será comentada a referência a Wilde e os versos finais da estrofe final do poema:

> Os homens passam encharcados...
> Os reflexos dos vultos curtos
> mancham o *petit-pavé*...
> As rolas da Normal
> Esvoaçam entre os dedos da garoa...
> (E si pusesse um verso de Crisfal
> No De Profundis?...)
> De repente
> um raio de Sol arisco
> risca o chuvisco ao meio[11]

Em pesquisa na Hemeroteca Digital é possível verificar que a expressão "De profundis" circulou na época para referir especificamente ao salmo 130 da Bíblia. Este salmo versa sobre arrependimento e auxílio divino, temas que não se enquadram no poema. *De profundis* é o nome do livro que contém

9 Gallo Netto, José. "Pauliceia desvairada: São Paulo e seus homens de letras IV". Folha da Noite, 1923, p. 5.

10 Almeida, Fialho de. O país das uvas, 1946, p. 79.

11 Andrade, Mário de. Pauliceia desvairada, 1922, p. 106.

as cartas que Oscar Wilde escreveu desde a prisão ao seu amigo e amante Alfred Douglas. E a frase "verso de Crisfal" remete à poesia amorosa do escritor português Cristóvão Falcão (1512-1557). No século dezesseis, o pai do poeta o prendeu porque não aceitou o casamento feito por amor – e não pelos interesses socioeconômicos – de adolescentes de diferentes hierarquias sociais. Cristóvão Falcão também escreveu cartas para sua amada desde a prisão. O relato sobre Falcão pode ser verificado no livro de Cristóvão Falcão com introdução de Teophilo Braga publicado em 1915,[12] livro presente na Biblioteca que pertenceu a Mário de Andrade.

Deste modo, o verso do poema "Paisagem N. 3" relaciona Wilde e Falcão e isto implica a condenação da repressão da liberdade amorosa. Mário de Andrade propõe nexo entre Wilde e Falcão: Isto permite destacar que ambos tiveram relações afetivas socialmente condenadas, para ambos a prisão é a forma pela qual se condenou a expressão desse afeto, e, ambos escreveram cartas aos seus amantes desde a prisão. Ao descrever amantes, o tema das relações sexuais poderia estar no horizonte, mas na referência a Oscar Wilde, termos como "homoerotismo" ou "homoafetividade" expressam mais adequadamente a relação de afeto entre dois indivíduos do mesmo sexo.

O verso final é enigmático: "De repente / um raio de Sol arisco / risca o chuvisco ao meio". Existem palavras que assemelham e rimam pela vogal i: raio, arisco, risca, chuvisco, meio. Entendo que as vogais com grafia fálica geram assonância e as palavras utilizadas completam a referência a esse sentido fálico. "Chuvisco" alude à imagem menos fálica, as gotas de chuva que caem. Risca ou risco, traço ou fazer traços. O termo "arisco" contém "risco" e se refere àquele que rejeita carinho ou é áspero, sentido que implica certa manifestação do masculino. "Raio" possui vários significados, mas, no âmbito da geometria, alguns dos seus sentidos correspondem a imagens de

12 Falcão, Cristóvão. Obras de Christovam Falcão, 1915.

linhas retas. O sentido do raio que "risca o chuvisco ao meio" é a do calor que rasga o frio, mas ainda é difícil apreender o sentido ou o sentimento que essas frases evocam.

O termo "Sol" com maiúscula aparece várias vezes em *Pauliceia Desvairada* de forma hermética. Na "Ode ao burguês": "Fará Sol? Choverá? Arlequinal! / Mas à chuva dos rosais / o êxtase fará sempre Sol!", ou em "Paisagem N.1": "O vento é como uma navalha / nas mãos dum espanhol. Arlequinal!... / Há duas horas queimou Sol / Daqui a duas horas queima Sol".[13] A pesquisadora Nelly Coelho oferece explicação para o uso de "Sol" na poesia de Mário de Andrade. O poeta usa as referências ao "Sol" para criar diversas conotações, e nelas o amor está ligado à ideia do "Sol". Por exemplo, na imagem em que o corpo da amada é representado pela flor do girassol, e a flor se volta em direção ao sol.[14] Por isso, o sentido de amor por meio do termo "Sol" após a referência a *De profundis*, e ligado a figuras fálicas, reforça a imagem do poeta que escreve versos de amor nas cartas de Wilde. Os versos foram redigidos de tal modo que o leitor não entenderá alguns dos seus sentidos.

O segundo aspecto desta seção corresponde ao discurso de paraninfo de Mário de Andrade no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. O *Correio Paulistano* publicou o texto no dia 19 de março de 1923. No evento de entrega dos diplomas dos alunos do Conservatório, Mário de Andrade destacou que os recém-formados têm a "missão de artistas brasileiros", ao pensar que a arte deve servir para construir a nação brasileira. A ideia de que o Brasil é país em vias de organização é lugar-comum no pensamento autoritário brasileiro.[15] A preocupação com a existência de diversos grupos no Brasil, por exemplo, o bandeirante, o seringueiro ou o gaúcho do Sul,

13 Andrade, Mário. Pauliceia desvairada, 1922, p. 68, 63.

14 Coelho, Nelly. Mário de Andrade para a jovem geração, 1970, p. 151.

15 Faria, Daniel. O mito modernista, Uberlândia, 2006, p. 65.

poderia gerar preocupação pela ameaça à integridade da nação. Este é um tópico autoritário e nacionalista, entretanto, Andrade prefere adotar a perspectiva artística e dizer que essa "disparidade" constitui "uma riqueza e talvez mesmo uma salvação para nós".[16]

A formação da nacionalidade brasileira é o fundo sobre o qual Mário de Andrade elabora sobre o idioma, a música, as tradições, e a criação da "arte brasileira". Ele recupera a linguagem racista da época ao afirmar que não há escola artística "sem fundamento racial". Aqui Andrade propõe a tese segundo a qual não existiria a "música brasileira", isto é, que seria necessário criar a "música brasileira". Explica que o maxixe, obras das "classes mais ínfimas", não poderia representar os anseios coletivos do Brasil. Cabe ao grupo de formandos refinar o "tesouro músico" e promover a valorização dessa produção, incluídas as danças e cantares populares que outros professores proíbem de estudar. Mário de Andrade propõe que não exista a vergonha do caráter erótico da música folclórica brasileira. Fala dos "ímpetos quentes, selvagens mesmo", mas não oferece detalhes sobre esse caráter. Depois desta construção e a modo de finalização, Mário de Andrade cita os versos de Wilde.

O exemplar do livro *De profundis* de Mário de Andrade contém marcas de leitura, a marginália. Ele sublinhou várias frases, entre elas a seguinte: "Hearts are made to be broken".[17] No seu discurso de paraninfo, Mário de Andrade citou Oscar Wilde pelo nome e essa frase com sua própria tradução: "Os corações foram feitos para que a dor os quebre!". Deste modo, Andrade finalizou seu discurso afirmando a necessidade de sacrificar-se pelo Brasil. Ele não registrou nenhuma referência à homossexualidade. O discurso de

16 Andrade, Mário de. "Discurso pronunciado pelo distinto professor Mário de Andrade". Correio Paulistano, 1923, p. 3.

17 Andrade, Mário de. [Marginália de Mário de Andrade]. *In:* Wilde, Oscar. De profundis and The ballad of Reading Gaol by Oscar Wilde, Leipzig, 1908. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros.

paraninfo é relevante porque, um mês depois da publicação pelo *Correio paulistano*, vem a publicação de Francisco Pati contra os modernistas e Mário de Andrade. O texto de Pati pode ser interpretado como reação à publicação do discurso de paraninfo.

O crime de Oscar Wilde

O advogado e escritor Francisco Pati estudou medicina, escreveu poesia e fez traduções. Pati publicou o artigo "O crime de Oscar Wilde: São Paulo e seus homens de letras" no dia 27 de abril de 1923, e o texto integrou a campanha de higiene estética e moral do jornal paulista *Folha da Noite*. Em "O crime de Oscar Wilde" Francisco Pati cria uma relação implícita entre o escritor inglês e a homossexualidade para criticar os modernistas paulistas e Mário de Andrade. Com exceção da palavra "eunuco" como referência informal para a falta de virilidade, e com exceção do termo "anormalidade", não constam os variados termos para a homossexualidade da época, tais como "sodomia", "homossexualismo", "uranismo", "invertidos" e outros. Na época se sabia que a justiça inglesa condenou Wilde a dois anos de trabalho forçado por prática de sodomia. Sodomia era o nome que se dava na Inglaterra da época para referir-se a relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo. Houve escândalo internacional, dado que a fama de Wilde era enorme. O caso de Oscar Wilde é citado em quase todos os livros de medicina no Brasil que tratam de homossexualidade na primeira metade do século vinte. Por isso, é possível deduzir que a sodomia e a homossexualidade estão implícitas na argumentação de Pati nesse texto.

Pati argumenta que Oscar Wilde influenciou todos os "futuristas", mas não cita autores e obras. Alega que o plágio que os modernistas tanto praticam é consequência da leitura de Wilde e de seus paradoxos. Também escreve que aprova o apedrejamento das livrarias inglesas que expõem as obras de

Wilde, e isto apenas devido à má influência de Wilde sobre outros escritores no que diz respeito aos paradoxos, os plágios e a imitação. Mas Francisco Pati sabe que os ingleses que apedrejaram as livrarias não o fizeram pelo plágio, pelos paradoxos ou por alguma prática literária. Por isso afirma que as "relações ilícitas" de Wilde com os moços de seu tempo não são motivos para a "perpétua execração" da obra do escritor, como se estivesse a dizer que não lhe incomoda o "crime" de Wilde, a homossexualidade referida pelo sentido da pederastia.

No artigo, Francisco Pati escreve para associar Oscar Wilde e Mário de Andrade à homossexualidade por meio de constantes referências ao "crime" de Wilde. O anterior observa-se nos termos que ele registrou. Pati escreve que as relações ilícitas de Wilde com os jovens não justificam a execração de Wilde, e cita vários referentes para o leitor ter em mente a condenação por sodomia. Além do título, Pati refere Robert Sherard, quem defendeu Wilde das acusações e foi seu amigo e biógrafo. Menciona Alfred Douglas, seu livro *Oscar Wilde and myself* e cita fragmentos do mesmo em inglês. Douglas foi amigo e amante de Wilde. Pati registra o nome do cárcere onde Wilde esteve preso, *Reading*, e o livro que escreveu lá, *De Profundis*. Ainda menciona o escritor André Gide e assegura que este é medíocre. Gide foi amigo de Wilde e autor de livros sobre a homossexualidade, livros que eram conhecidos e criticados por isso na época.[18] Quando Pati finaliza sua redação, alega que os modernistas paulistas perpetuam a "nódoa" do nome de Wilde ao imitar seus processos de escritura. Mais uma vez, Pati evita a indicação explícita, mas o contexto permite supor que o termo indica a condenação por sodomia. Deste modo, sem nomear a homossexualidade, Pati implica seu sentido pejorativamente.

Francisco Pati afirma que o estado "anormal" da arte em São Paulo é

18 Tin, George-Louis. Diccionario Akal de la homofobia, 2012, p. 234, 248.

consequência das leituras mal digeridas dos "eunucos das letras paulistas". O conceito de anormalidade é próprio da medicina que descrevia a homossexualidade como doença mental.[19] E a figura da virilidade sem sua capacidade de reprodução é o sentido do termo "eunuco". Há um conjunto enorme de expressões para indicar a homossexualidade sem nomeá-la e assim estigmatizar e criticar os modernistas.

No artigo, Pati não registrou o nome de Mário de Andrade, entretanto entende-se que Pati implica Andrade sem citá-lo: "A um professor de música do conservatório não é facultado, de uma hora para outra, passar dos domínios estritos do solfejo para as concepções amplas da Estética. A arte exige um período de preparação muito maior que o tempo necessário à formatura de um hábil regente de filarmônicas".[20]

O conjunto de artistas que participou da Semana de Arte Moderna é limitado. Assim, é possível afirmar que Mário de Andrade era o único professor do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo que tinha reconhecimento no grupo modernista e no grupo dos críticos desse grupo, que publicava em vários jornais, e que participou da organização da Semana. Até 1923, Mário de Andrade já havia publicado artigos sobre artes na *Revista do Brasil* e no jornal *A Gazeta*, além de diversos artigos sobre crítica literária e musical em Rio de Janeiro e São Paulo. Ainda, Andrade publicou o primeiro livro de poesia modernista do grupo paulista, *Pauliceia Desvairada*. Entretanto, Mário de Andrade não atuou como regente fora da Congregação Mariana da Igreja de Santa Ifigênia. Andrade teve classes de canto e estudou piano.

No campo da música de tradição europeia, o regente é o profissional

19 Almeida, José Ricardo Pires de. Homossexualismo: a libertinagem no Rio de Janeiro, 1906, p. 98, 185.

20 Pati, Francisco. "O crime de Oscar Wilde: São Paulo e seus homens de letras". Folha da Noite, 1923, p. 2.

que coordena e orienta as práticas musicais dos instrumentistas e cantores. No fragmento citado, Pati parece acreditar que pessoas que cursaram quatro anos na Faculdade de Direito ou na Faculdade de Medicina estão autorizadas a expressar conhecimento sobre algo que esses cursos não oferecem. Já foi observado que, no discurso de paraninfo, Mário de Andrade defendeu práticas musicais folclóricas e o caráter erótico de certas formas artísticas, citou Oscar Wilde e afirmou que com alegria e dor havia que trabalhar para construir a nação. Sem fazer nenhuma referência à homossexualidade e ao homoerotismo, no discurso de paraninfo Mário de Andrade não defendeu práticas modernistas na música.

O contexto do artigo de Francisco Pati é a campanha de higiene estética e moral da *Folha da Noite* entre março e setembro de 1923. Há variadas formas preconceituosas no conteúdo da campanha, incluídos o racismo e o capacitismo.[21] Aqui interessa destacar a homofobia em duas formas: por meio da figura do "moço bonito", como referente homofóbico para diversas formas relacionadas a homossexualidade, e por meio da ideia da homossexualidade como enfermidade mental, tese da medicina da época.

O caricaturista Belmonte participou da campanha da *Folha da Noite*. Ele representou os futuristas como "moços bonitos" na charge que preparou para o artigo de Cassiano Ricardo de 22 de março de 1923. O futurista tem sapatos com duas cores, paletó com desenhos nas mangas e apertado na cintura. A figura do paletó ajustado era recorrente, Belmonte também a usou na revista carioca *D. Quixote* para representar o poeta Guilherme de Almeida em dezembro de 1922. Mas neste caso, no texto que acompanha a caricatura consta a explicação segundo a qual Almeida é "almofadinha", e registra outras expressões para ridicularizar traços femininos em varões,[22] ou seja, na representação de Belmonte, o poeta almofadinha seria um "moço

21 Vergara, Jorge. Toda canção de liberdade vem do cárcere, 2018, p. 15, 39.

22 D. Quixote. "Futurismo, penumbrismo & C.". 1922, p. 15.

bonito", e aqui a afeminação tem caráter pejorativo.

Na caricatura para o artigo de Gallo Netto do dia 6 de abril de 1923, Belmonte representou os futuristas trocando o nome do Hospital Manicômio de Juquery. Os futuristas estão por colocar o cartaz que diz "Academia dos futuristas" sobre o antigo nome do prédio, "Hospício de Juquery".[23] Expressões capacitistas como "estética de Juquery" foram recorrentes na campanha da *Folha da Noite*, seria redundante citá-las neste informe. Mas, que esses chistes impliquem a ideia da homossexualidade definida como doença mental, isso só se tornou explícito no artigo de Gallo Netto do dia 14 agosto de 1923. Ele cita a Bíblia e especialistas em homossexualidade como se fossem referências em artigo científico, algo incomum em outros autores da campanha: "o Sr. Mário de Andrade não passa de um pobre de espírito (S. Matheus, Evang. Vers. IX) de um alienado inferior (Kraft-Ebing, p. 29) de um mentecapto alvar (Magnan, p. 15)".[24] Gallo Netto escreveu os artigos de agosto especificamente contra *Pauliceia Desvairada* e Mário de Andrade.

Pelo conteúdo analisado e pelo registro dos termos "anormal" e "crime" para implicar a homossexualidade, pode-se concluir que o texto de Francisco Pati é coerente com o conteúdo capacitista e homofóbico da campanha da *Folha da Noite.* Como ocorreu no caso da campanha antimodernista d'*A Gazeta* e no processo da *Revista de Antropofagia*, a *Folha da Noite* fez campanha para questionar a produção de vários escritores, e Mário de Andrade foi objeto da crítica e da injúria mais agressiva.

Vários autores apreciaram a obras de Oscar Wilde, por exemplo, seus tradutores, João do Rio e Elysio de Carvalho. Mas escrever de modo a promover uma visão não estigmatizante da homossexualidade é algo

23 Belmonte. [Academia dos futuristas]. Folha da Noite, São Paulo, 1923b, p. 2.

24 Gallo Netto, José. "Pauliceia desvairada: São Paulo e seus homens de letras IV". Folha da Noite, 1923, p. 5.

raro na época. As questões levantadas neste artigo permitem mostrar que Mário de Andrade escreveu sobre Wilde desde 1922, e que começou a publicar conteúdo com representações da afeminação, do homoerotismo e da homossexualidade de forma mais evidente desde 1926. As primeiras publicações modernistas de Mário de Andrade em 1921 e 1922 lhe deram visibilidade na imprensa. A crítica e a injúria homofóbica contra Andrade surgiu nesse momento, mesmo que o autor não tivesse publicado conteúdo abertamente homoerótico.

Referências

ALMEIDA, Fialho de. *O país das uvas.* Lisboa: Livraria Clássica, 1946.

ANDRADE, Mário de. "Discurso pronunciado pelo distinto professor Mário de Andrade". *Correio Paulistano*. São Paulo. 19 mar. 1923, p. 3.

ANDRADE, Mário de. [Marginália de Mário de Andrade]. *In:* WILDE, Oscar. *De profundis and The ballad of Reading Gaol by Oscar Wilde*. Leipzig: Bunhard Tauchnitz, 1908. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros.

ANDRADE, Mário de. *Pauliceia Desvairada*. São Paulo: Mayença, 1922.

BELMONTE . [Academia dos futuristas]. *In:* Gallo Netto, José. "Coisas do futurismo". *Folha da Noite*. São Paulo. 6 abr. 1923b, p. 2.

BELMONTE. [Futurismo]. *In:* RICARDO, Cassiano. "São Paulo e seus homens de letras". *Folha da Noite*. São Paulo. 22 mar. 1923a, p. 1.

COELHO, Nelly. *Mário de Andrade para a jovem geração*. São Paulo: Saraiva, 1970.

D. QUIXOTE. “Futurismo, penumbrismo & C.” Rio de Janeiro. 27 dez. 1922, p. 15.

DOM CASMURRO. “A solidão é triste”. Rio de Janeiro. 2 set. 1939, p. 2.

EÇA, João da. “Futurismo ou zoilismo?”. *A Gazeta*. São Paulo. 25 ago. 1921, p. 2.
FARIA, Daniel. *O mito modernista. Uberlândia*: Edufu, 2006.

GALLO NETTO, José. “Pauliceia desvairada: São Paulo e seus homens de letras IV”. *Folha da Noite*. São Paulo. 14 ago. 1923, p. 5.

GONÇALVES, Marcos Augusto. *1922: a semana que não terminou*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

PATI, Francisco. “O crime de Oscar Wilde: São Paulo e seus homens de letras”. *Folha da Noite*. São Paulo. 27 abr. 1923, p. 2.

TIN, George-Louis. *Diccionario Akal de la homofobia*. Madrid: Akal, 2012.

VERGARA, Jorge. “Los ‘mozos bonitos’: La expresión que fue referencia para las prácticas de género en Brasil”. *Con X: Revista Científica sobre Estudios de Género*. N. 7, e040, 2021. La Plata, Buenos Aires, Argentina: Universidad Nacional de La Plata. ISSNe 2469-0333. DOI: 10.24215/24690333e040. Disponível em: https://perio.unlp.edu.ar/ojs/index.php/conequis/article/view/7149/6096

VERGARA, Jorge . “Preconceito na campanha antimodernista do jornal *A Gazeta* de São Paulo (1921-1922)”. *Revista Humanidades*. Universidad de Costa Rica. No prelo.

VERGARA, Jorge. *Toda canção de liberdade vem do cárcere: homofobia, misoginia e racismo na recepção da obra de Mário de Andrade*. Tese. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Música, Centro de Letras e Artes, 2018. http://bit.ly/2WwHbIh

Submissão: 02/06/2023
Aceite: 21/06/2023

https://doi.org/10.5007/2176-8552.2023.e94751

Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.